



## UM ENSAIO PARA PENSAR A LEITURA



Eliana Lucia Madureira YUNES\*

### RESUMO

Este ensaio apresenta reflexões em torno do tema que abrange concepções e ações cujas bases servem de aporte para pensar a existência de uma **escola leitora**. Desta forma, o texto revisita, dentre outros, o pensamento do educador Paulo Freire, com o objetivo de reler a concepção de educação adotada pelo sociólogo e, por consequência, a ideia de leitura que o acompanha. Neste sentido, o ensaio reitera importantes noções ligadas ao ato de ler, tais como a transdisciplinaridade e a dinamicidade, reconhecendo o leitor, por elas envolvido, como sujeito em processo de permanente construção. Desta forma, o texto alcança, também, o sujeito-leitor e o reconhecimento daquilo que se pode acreditar ser uma **escola leitora**, isto é, que adota, de forma efetiva, condutas e ações cotidianas que permitam ver o ato de ler coletivo e privado como um ato de resposta/responsabilidade diante do texto do mundo, do livro, da vida.

Palavras-chave: Leitura. Sujeito. Escola leitora.

*Para Ricardo Oiticica  
que me pediu um texto  
sobre a escola leitora.*

Quem trabalhou com a obra de Paulo Freire em algum momento de seu percurso acadêmico, fosse em educação, em letras, em ciências sociais, em política e economia ou em filosofia, deparou-se seguramente com a radicalidade do sentido desta palavra-chave na história dos homens, a que ele dedicou sua vida. Educar: trazer o outro a luz, conduzi-lo para fora, ao encontro do outro, para que possa receber do outro o suplemento de sua subjetividade e nesta troca, construïrem a singularidade que os faz únicos ao mesmo tempo parceiros de jornada histórica.

Para além da visão do homem em processo permanente de construção de si mesmo, no trato com a alteridade, com a partilha, com a comunhão dos desejos, esperanças, necessidades, práticas e ações concretas que organizam a histórias

\* Doutora em Linguística pela Universidade de Málaga. Professora associada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

comum na medida que fortalecem cada um, Paulo Freire percebeu, que métodos, estratégias, programas são importantes como referência, nas deles se exige manterem-se dinâmicos, abertos, atentos aos efeitos que desencadeiam.

Em outras palavras: Paulo Freire, refletindo sobre a **experiência** considerou que os **sujeitos se constroem no uso das linguagens** que passam a dominar, em função do **contexto histórico** percebido **criticamente**.

Sobre isto, muitos escreveram com percuciência, outros tomaram como base para nossos desdobramentos em diferentes campos das ciências humanas e sociais.

Aqui, no brevíssimo espaço para indicar minha leitura do mestre, desejo assinalar dois ângulos promissores de releitura de sua obra hoje:

- a) o de sua opção transdisciplinar que exigiu novos paradigmas de compreensão e atuação nas diferentes instâncias sociais para não excluir, não dominar, não manipular, não castrar, não assistir mas criar oportunidades de que os sujeitos apareçam e cresçam, com a autonomia cúmplice que a intersubjetividade favorece;
- b) o do reconhecimento de que Paulo Freire leva em conta a **emergência** como categoria não só previsível mas provável, com toda sua cota de incerteza, na construção do sujeito em dinâmica própria a cada um, com afetos, sensibilidades, e percepções a se combinarem com a experiência, a reflexão e as linguagens provocadas pela educação.

Assim, o método freiriano nasce de uma reconhecida complexidade de abordagens articuladas e implica simultaneamente na emergência do ser face ao próprio **acontecer** e na construção do sujeito histórico. Aí nesta conferência, vai se delineando o educando/educador que descobrimos ser todos, onde quer que estejamos, professando a confiança na vida pelo trabalho, pela pesquisa, pela comunicação de nossas práticas e reflexões.

O efeito desta provocação fértil que o convívio com Paulo Freire e seu pensamento continua a suscitar ajuda a (des/re)construir na escola o conceito político de leitura. Pensemos em voz alta à luz de suas reflexões:

1. O conceito de **escola leitora** foi se desenvolvendo ao longo da experiência de constatação que a leitura em si, a do livro, parecia estar alheia à vida, entre os muros escolares. Enquanto se tratar a leitura como instrumental do ensino-aprendizagem apenas, - e que afeta até mesmo a leitura literária que poderia se dar em processo diverso, mas acaba por repetir a prática de leitura para responder a questões objetivas – não seremos capazes de ver a **diferença** de concepção do ato de ler que privilegia o leitor. Leitor que não vive dentro do livro, mas no cotidiano, que precisa de recursos para pensar e entender seu sentir para agir: o que a leitura conta é na verdade, a história de outros olhares, saberes, vidas que só servem a nós leitores porque podem **tocar-nos** as vidas. Para que ler se a prática não nos acrescentar nada sensivelmente **útil e belo**?

Então era necessário chamar a atenção para o fato concreto de que a leitura ocupa o espaço completo do olhar de quem apreende o mundo: ler o pátio, ler os modos de relacionamento, ler a conservação, ler as delicadezas, ler tudo como caminho de encontro com as palavras que leem o mundo nos livros.

2. No espaço de qualquer cenário educativo, aqui ou em outro país, a leitura compreendida como forma de desenhar o mundo, dar-lhe forma e sentido, o que só a linguagem, verbal e não verbal, pode fazê-lo, é fundamento para o conhecimento que não se dá por aderência, mas por experiência, que atravessa a sensibilidade e a inteligência. Uma vez posto em forma de letra, o mundo precisa voltar à condição coisa viva, interpretado pelo verbo de quem desconstrói o dito e imobilizado em texto, para dar-lhe dimensão renovada.

3. Há sensíveis modificações pontuais em certas escolas, na atualidade não no sistema como um todo. E não estamos próximo de realizar tal façanha. Num país gigantesco como o nosso, os percentuais de baixa escala no perfil do professor-leitor afetam pouco a situação não só do analfabetismo, como do letramento. Lê-se em muitas linguagens, imperceptivelmente até. Os suportes variam também, mas a linguagem escrita está presente nas telas, na internet, nos outdoors. Em tudo carecemos de experiências leitoras. Embora a leitura não nos livre dos atritos, das opiniões diversas, do **conflito das interpretações**, é preciso alcançar o que cada um constrói como sentido, para seguir apurando-o.

4. Na era dos computadores, - mas não ainda dos e-books, rarefeitos – lê-se muito e os sites de busca não nos deixam mentir; o que está na rede está escrito, seja mesmice, seja raridades. Outra coisa é saber se os leitores estão acessando o que de melhor há disponível, o que de fato pode fazer a diferença, na constituição de sua singularidade. Seguir como gado não enobrece ninguém, e o que todos querem, mesmo quando acompanham modismos, ilusoriamente nas tribos da onda, é alcançar colocar-se fora da linha d'água. Ler com independência e autonomia ainda que relativas, dá segurança para emitir uma visão de mundo e uma leitura da palavra. A tecnologia é uma realidade, ao alcance ainda de poucos socialmente falando, mas as faixas etárias todas se beneficiam do acesso que proporcionam ao que estaria para muitos inacessível no tempo e no espaço.

5. Uma escola é escola leitora quando a prática está no cerne do seu trabalho, claramente assumida por todos, do diretor ao porteiro, com ações cotidianas que deixem ver o ato de ler coletivo e privado como um ato de resposta/responsabilidade diante do texto do mundo, do livro, da vida. Não se trata do livro do mês, de uma programação episódica na biblioteca escolar(se há), trata-se de uma ação que envolva pais, professores, alunos, funcionários, o entorno geográfico, a comunidade. Todos leem ou os pais ainda perguntam “o que devo fazer para meu filho gostar de ler?” quando eles não leem sequer jornal ou revista, não partilham livro algum com os filhos; ou os professores ainda supõem que se ele não está convencido de que ler aquele título, aquele quadro, aquele filme, nenhum aluno o lerá? Numa escola leitora, os próprios acontecimentos internos, entre professores, entre professores, alunos e funcionários, tudo é objeto de leitura partilhada. Os fatos, da passagem de um cometa à invasão de um navio de ajuda humanitária, tudo deve ser tomada como objeto de leitura, com as informações que embasem as distintas visões no tempo e espaço.

6. Por isso pensar na leitura, literária ou não, como **coisa da aula de português** é mostrar uma visão míope ou um entendimento estreito e pobre do que seja leitura e do que seja tornar-se leitor... Um professor de física ou de geografia se indignará se for tomada como não-leitor. Mas não vê a sua prática de leitura dos eventos

**naturais** ou dos mapas como leitura efetiva. E mais: ficará constrangido em dizer que não lê um romance, um conto faz tempo... como se isto nada acrescentasse a seu universo de conhecimento. E que não tem tempo. Se não tem tempo para isto é porque isto é secundário: temos sempre tempo para o que consideramos importante. Um pai que não tem pausa para estar com os filhos, para quem ele sempre diz que se sacrifica para lhes dar um vida melhor, mas não divide com ele uma intimidade na discussão de ideias, valores, posturas, visões que um livro traz, é no mínimo incoerente. Mas pode ser que não possa ter o tempo, não esteja tão informado, não saiba que pode aprender com os filhos...etc. A escola está lendo? O que? Posso participar na rede? Posso ir lá no sábado como vou ao forró ou ao cinema eventualmente, ou aos ruidosos parques de brinquedos eletrônicos, que só acrescentam cansaço e a sensação de que a infância e juventude são de fato tempos de desperdício, obtusos? A biblioteca está aberta? A programação da escola inclui a todos? Ou é tarefa escolar para nota do menino?

7. Imagine o efeito qualitativo de uma escola em que todos estão engajados em um programa de leitura que envolva diferentes linguagens e suportes, com aportes diversos das áreas de conhecimento. Poesia não se mistura com física, nem história com literatura? Quanta discussão, quanto tema produtivo, como o conhecimento vai saltar das páginas para a vida... É como um movimento que escapa do armário para invadir a cena da vida. A vida de corre-corre dos adultos é o melhor exemplo de que as coisas são feitas para constar e os ganhos parecem que só vêm no final: como dizer aos estudantes que estudem não apenas para as provas? Então teremos perdido o tempo da vida com eles e pouco adiantará ler **Vidas Secas** de Graciliano Ramos, ou **Felicidade Clandestina** de Clarice Lispector, quando eles não estiverem mais lá.

8. Tornar-se escola leitora é uma opção política, antes de tudo; decisão da comunidade escolar e criar um plano, um programa de trabalho articulado entre todos os atores, bem pensado, nada de improviso; buscar assessoria se preciso, avaliar os recursos materiais e humanos, estabelecer ações e cronogramas, nada acontecerá num estalar de dedos. Isso significa mudar o perfil da escola, sua identificação na cidade, no meio educacional, com efeitos já na qualidade do

rendimento e participação escolar e mais no desempenho cotidiano na vida comunitária. Não há fórmula, receita ou modelo para seguir: há uma construção comum, um projeto de muitos, uma articulação e cumplicidade permanentemente renovadas entre pais, estudantes, professores, funcionários, comunidade à volta. O relacionamento interpessoal, as tarefas comuns, a participação comunitária, a presença dos alunos na vida social, o índice de desenvolvimento humano, a capacidade expressiva e participativa dos alunos nas propostas de melhorias e manutenção do espaço escolar, a atuação de pais e funcionários, a qualidade de trocas pais e filhos, a aproximação família/escola...

9. Parece panaceia , mas não é. Os males que afligem a cultura humana advém em boa parte da internalização sem crítica de modelos adversos à vida que buscamos. Pensar é o que nos pede a leitura, pensar e decidir, pensar e opinar , pensar e agir. Sem leitura não há educação, sem leitura não há cidadania. Se a leitura for literária, ao invés de sofisticação, o que teremos é compreensão e lucidez mais inteiras, mais intensas – nervos e neurônios -do que importa na narrativa de nossas vidas, das quais somos autores, na narrativa do mundo dos quais somos herdeiros e leitores. A questão que se põe é a dos mediadores como guias que abrem os caminhos às viagens de cada um para o bosque do conhecimento.

O que respondem, em geral, as pessoas com saúde, sobre o que desejariam fazer, se lhes fosse dada uma lâmpada de Aladim com seu gênio? A maioria, de qualquer classe social ou econômica, entre os três desejos concedíveis, não incluiria sem pestanejar conhecer o mundo todo, com um mínimo de esforço e um máximo de conforto? Todos nós já imaginamos um dia, como seria bom viajar e conhecer os lugares mais diversos e inesquecíveis, anunciados como aqueles que não se pode deixar de por os pés, antes de morrer! E curiosamente, estamos ansiosos por ver coisas e pessoas **diferentes!**

Viajar, como diz a etimologia, é pôr-se em via, pôr-se a caminho. A vida é **travessia**, repete Guimarães Rosa no seu Grande Sertão, inúmeras vezes. Travessia, deslocamento pelo tempo e pelo espaço...

Um mundo tão vasto que o poeta itabirano, depois de afirmar que seu coração era maior do que ele, foi obrigado dezenas de anos depois, a desdizer-se:

“não, meu coração não é maior que o mundo”. Mas nele cabem todas as experiências que fazem do mundo algo maior e mais insondável do que ele realmente parece.

Em viajando, de um país a outro, de uma cidade a outra, de um bairro a outro na mesma cidade, notamos diferenças que, segundo um valor muito identitário, podemos considerar estranhas, exóticas, absurdas. Fala por nós a educação que recebemos, o convívio que tivemos, as vivências anteriores, as experiências *incorporadas* e agora comparadas, ao **novo**, ao **di-verso**. De fato, o que nos assombra por ser tão semelhante ou tão **di-vergente**, nasce da memória, quer pessoal, quer coletiva que acumulamos em um tempo e lugar marcados, sobretudo pela con-vivência, que transforma a nossa subjetividade provisória em intersubjetividade efetiva: de alguma maneira permeia-nos o **dize-me-com-quem-andas-e-te-direi-quem-és**.

Um teórico americano, chamado Stanley Fish, a propósito de uma discussão sobre o sentido e seu lugar de produção, chamou atenção para este contágio que nos identifica com nossas “comunidades interpretativas”. A viagem ao redor do mundo não é maior que a viagem ao redor de nós mesmos, que nos desconhecemos em grande parte e nos espelhamos nos outros. Os estrangeiros, em geral, nos são simpáticos, se neles reconhecemos algo nosso e os repelimos, no caso de nos depararmos com diferenças “intoleráveis”. Nunca se falou tanto em direitos pessoais, em oportunidades iguais e, ao mesmo tempo, a violência, a intolerância se disseminam entre vizinhos de casa e condomínio, entre países e organizações.

Voltando ao tema da viagem que tanto nos seduz, nós a experimentamos como se o mundo fosse um livro aberto. Contudo, com o livro mesmo, nos escapa a tal sedução e se torna penosa a viagem, letra adentro. Por quê, nos perguntamos? Se não somos capazes de abraçar o mundo com pernas e braços, literalmente, o que nos impede de fazê-lo metaforicamente? Por que o livro aberto no colo da menina de **Felicidade Clandestina**, de Clarice, era capaz de levá-la ao **puríssimo êxtase**, enquanto a nós sobra tédio e desencanto?

Além de não sermos capazes de nos deslocar no espaço como aves de arribação, ainda menos nos imaginamos como Emília, a boneca do Sítio do Picapau Amarelo, em uma viagem no tempo, movida pela energia do **tchibum** imaginário,



suficiente para fazê-la mergulhar em outra história. Mas aquela “diabinha” de Lobato, após ouvir de D. Benta as histórias do mundo, sente-se *convidada* até mesmo a ir ao Olimpo, na Grécia clássica. E de lá não saiu sem roubar um pouco da ambrosia, manjar dos deuses que eu julgava ser quitutemineiro!

Mas o encontro com o outro recorta a diferença como estranheza, em face do que nos é familiar. Somos instigados a nos rever, a nos reconsiderar, com maior ou menor desagrado. Podemos nos tornar porosos pela curiosidade ou impermeáveis ao que não nos é habitual. E a história deste encontro – ou confronto? - por mais que a gente se esforce, será sempre diferente para cada um; é uma outra história, a história que se constrói com o outro, pois que nasce de ponto de vista, que disponibiliza os fatos de outra maneira, com uma outra percepção, numa outra versão ... di-versa. E podemos escolher entre ficarmos tocados ou ressentidos.

Difícil é encontrar o outro, sem um exercício mínimo de aproximação e de respeito, de distanciamento e contemplação. Vemos nos programas sobre vida animal, como os pesquisadores se colocam em observação amorosa e atribuem até mesmos sentimentos e reações humanas na narração que fazem dela. Contudo, desde o paraíso imaginado, vemos no outro um concorrente que nos tira costelas e atira às serpentes. Por isso que viajar demanda despojamento (abrir mão de tanto pacote...), paciência (o imprevisto faz parte...), esforço de compreensão e disposição ao diálogo (a matriz cultural é outra...). Ou uma viagem pode se tornar a expulsão do paraíso desejado.

Muito antes que se possa com as próprias pernas e recursos, abrir a porta e ganhar o mundo, abrir um livro, de ficção sobretudo, pode fazer com que povos inteiros e culturas longínquas se tornem familiares, preparando uma forma de cidadania global, feita de respeito aos contrastes, acolhimento das diferenças. JellaLapman, (criadora do IBBY), uma jornalista judia alemã que escapa do nazismo, volta de Londres para a Alemanha, ao fim da segunda grande guerra e se depara com uma horda de crianças órfãs e apavoradas. Sabe que lhes precisa oferecer esperança e imaginário para sobreviverem. Então começa a pedir que, de todos os países destruídos pelas tropas nazistas, lhes enviem livros, belos livros de histórias com que possam reconstruir suas vidas. As histórias dos outros dão sentido às nossas, pensava, e com isto deu início à maior biblioteca de obras para crianças, no mundo, que fica em Munique. Isso não impediu que vinte e quatro anos depois, a



cidade fosse palco de novas intolerâncias, cujos efeitos persistem nas manchetes de nossos jornais diários: o ódio racial e religioso ceifa vidas inocentes como se não tivéssemos lido história alguma sobre contra-senso, exclusão e seus finais infelizes.

Os livros ensinam ao nosso instinto de possessão das coisas, que nem todas as câmeras e gravadores do mundo podem mais que por um segundo, flagrar a vida viva que nos escorre dos dedos como areia, envolvendo tudo em movimento permanente que renova e conserva, na alternância do legado especulativo, ora de Parmênides e ora de Heráclito, pré-socráticos. Uma vez publicado, o livro é o mesmo, mas um outro para cada leitor que se dispôs a interagir com ele, a entrar em comunicação, mesmo que seja para calar-se. Os livros nos mostram a diferença e a similitude com se pode considerar o mundo para atravessá-lo. Já se disse que não passamos imunes a uma leitura e que não podemos ler o mesmo livro duas vezes, porque depois de lê-lo a primeira, já não somos os mesmos. A mudança tem um sentido de renovação.

Por isso insistimos em perguntar, por que razão, a leitura de histórias, em páginas impressas, mais que nas de celulóide lidas na tela, desgostam os que começam a querer pernas-para-que-vos-querem, e sair para conhecer o mundo avidamente, a qualquer preço, como acontece com os jovens?

Se a ânsia e o gosto por descobrir o mundo por conta própria, com todos os riscos, não lhes tolhe a ousadia, o que há de errado com os anúncios de que a vida é maior do que a que vivemos e de que os livros são um arauto?

Talvez seja porque a leitura tenha sido transformada - **de viagem infundável ao coração da vida e do mundo** – em exercício instrumental para adquirir informações de interesse duvidoso para os que estão buscando realizar a vida como experiência e não como repetição apenas. A vida breve e de dimensão limitada, mesmo para os mais poderosos, desborda em muito nossos sentidos, e rastrear tudo, em todas as direções, implica em antecipar o por vir pela prática **milagrosa** do pensamento. Pensar é um modo perspicaz e acurado de sentir o mundo e o outro, pelo exercício de colocar-se em seu lugar, ampliando o “sentimento do mundo”, de que falava Drummond, andando pelas estradas pedregosas de Minas, e não muito mais longe.

Viajar, deslocar-se é pois, o que a leitura promove, se a interação se der com a vida de quem lê, não para respostas padronizadas segundo o livro do professor,

mas para colocá-lo no alto do mundo, provisoriamente. Ir em direção aos múltiplos **eus**, poder perceber o mundo de seu próprio lugar, poder olhar-se a si mesmo daí, como numa foto, contribui para consolidar um olhar de abertura, diálogo e compaixão, como Aristóteles via na função catártica da tragédia. Fazer a descoberta de que não sou um homem, mas Homem, como todos os homens, com desejos e expectativas tão diversos e tão parecidos... O que se aprende não tem que ver com lições pré-concebidas, mas com a responsabilidade de dar **resposta que satisfaça, que dê prazer a si mesmo, que tenha uma assinatura própria**. Isto é o que sente uma criança de quatro anos, ainda sem o saber, diante da história do Lobo e Chapeuzinho, apesar do medo, da apreensão, quando pede para repetir; por que alguém de quinze não sentiria algo semelhante diante de Otelo de Shakespeare, por exemplo? O grande medo da paixão, do zelo, do ciúme, da perda, da morte, do engano, da mentira, do equívoco!

A diversidade **compreendida** nos dá nova estatura, novo ângulo de visão, nova postura de escuta – que é uma forma de leitura – e traz um conhecimento inesperado, um *insight* no sentido freudiano: ver como num relâmpago, a cena sombria toda iluminada! Sem qualquer veleidade salvacionista, pois é possível cremar corpos ao som de Wagner, a leitura poderia se tornar um pôr-se a caminho do regozijo pela pluralidade, da hospitalidade do outro, desde que os livros se abrissem para vida, antes de transformar a leitura em reduto de erudição. Leio efetivamente quando levanto a cabeça e tiro os olhos da página, ensinaria Barthes. Tudo o que queremos é conhecer – e no sentido bíblico é ter uma intimidade total – coisa que tentamos, desde o nascimento, para fazer reverter a totalidade externa ao útero materno para nosso âmago, já que lá tudo nos correspondia, na ilusão de que éramos o próprio mundo. Porém, *co-noscere, cum-essere*, bem traduzido é ser-com, con(h)ecer, algo que nestas dimensões de mundo nos deixaria loucos, diante do impraticável. O conhecimento não se confunde com a lição de gramática, de história ou ciência, é todas elas a um só tempo, fundidas na intimidade da percepção gradualmente construída de que há uma vasta rede de sentidos, mas as sinapses, as sintaxes são próprias de cada um. Assim como as leituras.

De fato, quando pus os pés pela primeira vez, em certos lugares do mundo, eu os reconheci com certo prazer, mas a realidade custou a compensar a leitura vivida como experiência, pois a fruição renovava o prazer de imaginá-los muitas

vezes. E mais: hoje podendo entrar no Louvre pela Internet, assistir os mesmos filmes em tela privada, comprar produtos de marca fora de seus países de produção, alegamo-nos com a disponibilidade de bens que nos é oferecida; dela resulta um multiculturalismo louvável, mas que está a exigir como compensação o respeito à diversidade. Colocam-se por outro lado, questões de fundamentalismo, dogmatismo que, em nome da identidade de um grupo ou nação, resvalam para a exclusão, para o extermínio – os que falam outra língua são identificados como bárbaros e desumanizados por nossos pré-conceitos. A igualdade é um direito, não uma obrigação. A disseminação do saber, igualmente, não pode ser imposta, precisa nascer da necessidade e do desejo.

Donde ler não é apenas uma atividade decifratória de um texto, mas uma colheita crítica do que ficou implícito, não-dito. Claro que podemos ler as resenhas do **Grande Sertão: Veredas** na Internet, mas não saberemos da dor de Riobaldo sofrendo por Diadorim; podemos ler tudo que Carl Sagan escreveu sobre astronomia, mas se não olharmos para o céu, não ouviremos estrelas como o disse Olavo Bilac. Porque a linguagem não recobre o mundo como uma película uniforme, as palavras não se dependuram como etiquetas às coisas: a linguagem tem vazios como os que existem nas línguas entre um fonema e outro, entre um vocábulo e outro, na frase. Nestes vazios, transita o leitor. E viaja através deles com sua bagagem de vida, sempre crescente e paradoxalmente, sempre mais leve.

Diante dos vazios nos assustamos, há uma secreta vertigem do desconhecido. É justamente aí, neste silêncio, que pode vir em nosso socorro, a voz do mestre que acompanha a iniciação, ajudando a ver novo atalho no bosque do mundo feito palavra. A leitura não se constrói sobre o nada senão com algum aporte a que **uma voz vinda dos longes** agrega sentido, como uma provocação, como diria Jauss. Com isso nos ajuda a entrar em nós mesmos, mundo maior que o mundo, porque carrega a este em múltiplas versões. Aquele pequeno grande mundo também quer abrir-se e colocar-se, inscrever-se na história das gentes e para tal, um dia, se converte em escritura: quem lê quer contar, quem vê quer partilhar, publicar o que entendeu, o que apreendeu – razão de ser dos livros, dos quadros, dos concertos, dos ensaios, dos teoremas, das análises. Novos horizontes assim se desdobram nas artes, nas ciências, **no meio do redemoinho do mundo**, como indica Guimarães Rosa, pela boca de Riobaldo.

Quando percebemos que as possibilidades são tantas, aí sim, podemos recortar um campo e mapeá-lo para descrevê-lo, para analisá-lo, com instrumentos apropriados. Este segundo movimento frente às letras, aos sinais, aos símbolos, chamamos **estudo** e dependemos inteiramente da leitura para realizá-lo. Como caminhar sobre passos alheios se não experimentarmos de alguma forma os nossos, à beira do meio-fio, suspensos neste abismo imaginário de poucos centímetros? Seguir o pensamento do outro significa reconhecer o ato de pensar, não como instrumento mero de aprender coisas, mas enquanto forma de constituir-se a si mesmo como interlocutor do outro, não seu inimigo querelante, que se coloca diante de mim apenas para me diminuir aos meus próprios olhos.

Contudo, estudar é uma tarefa que exige aplicação, disciplina...mas assistir a um programa de TV, a um filme numa sessão de cinema, não o exigiria? Não é preciso concentração para ver um filme, uma partida de futebol? O que ocorre então conosco na hora de visitar estes textos que nos trazem notícias de outros tempos e lugares, outras gentes e culturas, outros mundos e seus mistérios? Acontece que, ficamos sós, pouco compartilhamos e permanecemos diante das experiências contadas sem conseguir aproximá-las das nossas, como indicou Walter Benjamin: elas parecem estar em territórios que não visitamos sequer em sonhos.

Quando se fala em estudo, se reconhece a necessidade de um ambiente sugestivo para entrar em comunicação com os livros – “um cantinho, um violão”, uma mesa bem iluminada, destas coisas que a maioria dos estudantes brasileiros não dispõe, nem sabe o que é. Se viemos dizendo que a leitura, no princípio, não deve ser um exercício solitário, entre outras coisas é porque este recolhimento proustiano não encontra condições para se dar, sobretudo no ambiente urbano.

Há pois, que se criar condições muito propícias para que o exercício da leitura se torne uma experiência encorajadora. Trabalhar em círculos de leitura, longe de criar tumulto, suscita um acolhimento do outro como leitor, abrindo espaço para suas memórias e suas falas, suscitando como diz Barthes, que ele levante a cabeça ao ler, e reflexivamente, leia o texto em contraponto com sua vida de leitor. Dizemos pois, que este clima de troca, rememorações, diálogo resulta numa ambiência de leitura, espaço e tempo não apenas externos, *mas internos* para exercer a prática leitora que leva a “saber das coisas”. Pois aí, lemos mais que o texto, o quadro, o filme, **lemo-nos**, lemos o mundo, tiramos os olhos do papel para refletir, pensar.

Este ambiente interno e externo estimula práticas e vivências de leitura insuspeitadas e arranca o leitor da mesmice de ler o já lido. O leitor vem à tona, delineando um sujeito que se reconhece enquanto se constrói na diferença com o objeto e com os outros. A ambiência é assim mais que o ambiente – nela estão mobilizados os afetos e as trocas, além do “cenário” que deve ser acolhedor, tanto quanto o leitor-guia. Que é um mestre senão aquele que serve de guia no emaranhado do mundo? Até para entrar na rede digital é preciso que alguém nos oriente sobre os “caminhos que se bifurcam” de Borges. Mas todos dependem de ler para conhecer: as pedras aos olhos de um geólogo, o corpo aos olhos de um amante, os sentidos aos olhos de um leitor: todos aprendizes.

### A TEST TO THINK READING

#### ABSTRACT

This paper presents reflections on the theme covering conceptions and actions whose bases serve as a contribution to think that there is a "reader school." Thus, this paper reviews, among others, the thought of the educator Paulo Freire, in order to reread the concept of education adopted by the sociologist and, consequently, the idea of reading that accompanies it. In this sense, the test confirms important concepts related to the act of reading, such as transdisciplinarity and dynamics, recognizing the player engaged by them, as a subject in permanent construction process. Thus, the text reaches also the subject-player and the recognition of what one may believe to be a "reader school", that is, adopting, effectively, and conduct everyday actions that allow to see the act of reading public private as an act of response / responsibility before the world's text, the book of life.

Keywords: Reading. Subject. Reader school.

#### REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1984.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994. (Série Temas, v.36).

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOBATO, Monteiro. **O Sítio do Pica-pau Amarelo**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Campinas/São Paulo: Pontes, 1989.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 31ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

RICOUER, Paul. **O si como o outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.